

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM UM CONTEXTO INCLUSIVO

ADRIANA MENDES BASTOS¹

1. COMO RECEBER E ACOLHER OS ALUNOS TEA – TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA?

O Transtorno do Espectro Autista – TEA caracteriza-se por alterações em áreas fundamentais do Ser Humano, como dificuldades significativas na comunicação e na interação social, com padrões comportamentais restritos, repetitivos e disruptivos, iniciando precocemente e acompanhando o portador por toda a vida.

As pessoas com TEA geralmente possuem dificuldades para compreender regras sociais, expressões faciais e compartilhar momentos e situações, podendo apresentar comportamentos “estranhos” ou inapropriados pela dificuldade de expressar seus sentimentos e emoções.

Podem apresentar pouco contato visual e mudanças no comportamento, possuem dificuldade em compreender metáforas, palavras e expressões com duplo sentido, piadas e ironias, pois a interpretação é feita de forma literal.

Apresentam dificuldades na qualidade da interação social, necessitando de ajuda para iniciar e manter diálogos. Geralmente preferem conversar sobre os seus interesses restritos, possuem conhecimento específico sobre determinado assunto, o que se transforma em alternativa para o início do diálogo.

As pessoas com Transtorno do Espectro Autista podem pronunciar palavras ou frases, mas sem ter a intenção de se comunicar, repetindo várias vezes falas de filmes e desenhos, o que chamamos ecolalia.

Os interesses restritos, repetitivos e comportamentos disruptivos apresentam-se através de apego excessivo à rotina, com dificuldades em enfrentar situações novas ou desconhecidas, necessitando de previsibilidade e de preparação para mudanças. Assim, podem apresentar comportamentos inapropriados em ambientes coletivos, como risos e choros inadequados (sem

¹ Possui graduação em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas, graduação em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná, Especialização em Supervisão Educacional pela Sociedade Educacional Portal das Missões(2012), Especialização em Educação Especial e Atendimento Educacional Especializado pela Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco e Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Sociedade Educacional Portal das Missões(2011). Atualmente é Profa AEE Atend. Educacional Especializado da Prefeitura Municipal de Pelotas e Psicóloga Clínica no Consultório da Psicóloga.

motivos aparentes). Geralmente possuem sensibilidade sensorial, com desconforto em relação a alguns sons, luminosidade e aromas.

As pessoas com TEA ficam prejudicadas no desenvolvimento de habilidades sociais, com dificuldades no comportamento, por não saberem como devem comportar-se em ambientes diferentes, em situações novas. Lugares com aglomeração de pessoas podem lhes causar ameaças, manifestadas através de comportamentos inapropriados para o momento, devido às dificuldades de socialização que lhes causa ansiedade. Nesses momentos buscam refúgio em lugares mais silenciosos, e é importante deixá-las numa situação espontânea e caminhar livremente.

Para iniciar e manter o bom relacionamento com as pessoas com Transtorno do Espectro Autista é necessário conhecer as suas preferências e aversões e investir no vínculo, pois elas são pessoas afetivas, expressam-se com sinceridade, gostam de ter amigos, buscando pessoas de referência que lhes ofereçam maior segurança e tranquilidade.

A palavra Autismo é de origem grega, “autós”, que significa “por si mesmo”. O termo “Autismo” foi utilizado pela primeira vez em 1911, por Bleuler, psiquiatra Suíço, quando referiu-se a um grupo de sintomas, entre eles, o afastamento do mundo exterior.

Em 1943, Leo Kanner, psiquiatra infantil austríaco, radicado nos Estados Unidos, observou onze crianças com alterações comportamentais que pareciam estar muito concentradas em si mesmas, não demonstrando interesse por outras pessoas. Ele observou nessas crianças os seguintes sintomas: extrema solidão, demonstrando incapacidade de se relacionar com os outros; falha no uso da comunicação (alterações muito severas tanto no plano receptivo como expressivo); desejo obsessivo de manter as coisas em um determinado padrão, não aceitando mudanças; medos desapropriados de coisas comuns; ansiedade e fascínio por determinados objetos. Também foram percebidos movimentos estereotipados, resistência na modificação da rotina e importantes dificuldades de comunicação, alguns apresentavam ecolalia (quando repete o que a outra pessoa diz), comportamentos diferentes e dificuldades na socialização.

No mesmo ano, o Dr. Hans Asperger, psiquiatra e pesquisador austríaco, usou o termo Síndrome de Asperger, referindo-se a crianças que apresentavam alterações similares, porém com diferenças nas competências linguísticas e cognitivas que apresentavam maior desempenho, tendo como características principais o prejuízo persistente na interação social, desenvolvimento de padrões restritos e repetitivos de comportamentos e de interesses. A comunicação era peculiar, utilizando vocabulário rebuscado e palavras originais, inteligência

normal ou acima da média. Descreveu casos de comportamentos semelhantes, porém com capacidade intelectual mediana ou superior, devido a excelentes condições intelectuais e interesses restritos, que lhes permitia um foco constante no seu interesse principal, o que os levava a saber mais sobre o assunto do que os outros. Entretanto, apresentavam dificuldade na interação social, o que dificultava o relacionamento com os seus iguais.

Lorna Wing, médica inglesa, psiquiatra infantil e da adolescência, e Judith Gould, em 1979, basearam seus estudos em três pilares de prejuízos principais, conhecido como “tríade de Wing”. Esses três pilares estariam relacionados com prejuízo da socialização, na linguagem verbal e não verbal e comportamentos repetitivos ou estereotipados. No estudo realizado em grande número de crianças, concluíram que estas apresentavam algum tipo de dificuldade na interação social, associada à dificuldade na comunicação e criaram a expressão “espectro do autismo”.

Assim, no decorrer da história, a nomenclatura e a classificação passaram por diversas reformulações. Seguem abaixo maiores explicações.

Primeiramente, cabe explicar que o Autismo é um “Transtorno Global do Desenvolvimento”, assim mencionado em todos os dispositivos legais. Entretanto, no decorrer do contexto histórico, surge nova classificação, e então começa a ser conceituado a partir da perspectiva dentro de um espectro.

As mudanças de nomenclatura podem ser observadas no quadro abaixo. Nele, verifica-se que no DSM-IV existia uma classificação separada por subgrupos. Atualmente, segue-se o DSM-5 onde foram incluídos no Transtorno do Espectro Autista todos os que estavam no subgrupo do DSM-IV, com exceção dos portadores da Síndrome de Rett, que possui uma classificação própria, portanto não pertencendo ao TEA.

O Transtorno do Espectro Autista, por sua complexidade clínica, representa uma heterogeneidade, devido à variação na severidade dos sintomas, podendo ir de leve a moderado e grave. Para exemplificar, comparamos o TEA ao “espectro de cores”, onde as tonalidades variam do mais fraco ao mais forte. Assim, o termo refere-se à complexidade e à diversidade de características.

De acordo com RIESGO (2016), os transtornos do espectro autista (TEA) são um grupo de transtornos do neurodesenvolvimento que têm em comum uma tríade bem definida de sintomas, caracterizada por déficits na interação social e comunicação e repertório restrito de interesses.

Atualmente, os TEA são considerados transtornos complexos, heterogêneos e de etiologia multifatorial, ou seja, diferentes fatores. Raramente um único fator genético ou ambiental é reconhecido como a causa do transtorno. Apesar de grande número de pesquisas e de avanços realizados na área da neurobiologia dos TEA, nos últimos anos, sua etiologia exata ainda não é conhecida. O processo etiopatogênico parece ser extremamente complexo, o que reflete a grande variedade de sintomas apresentados por cada indivíduo. Clique [aqui](#) para assistir ao vídeo que traz a fala do autor sobre Autismo.

A nova classificação descrita no DSM-5 foi publicada no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), datado de maio de 2013. O termo oficialmente adotado é Transtorno do Espectro Autista.

O TEA é um transtorno no desenvolvimento que surge na infância e que se caracteriza por importante atraso na aquisição da linguagem, na interação social, limitando o portador a interesses restritos e comportamentos estereotipados ou repetitivos.

O Espectro Autista apresenta-se em diferentes graus, conforme se pode observar no quadro abaixo. É um transtorno do neurodesenvolvimento, atualmente chamado de Transtorno do Espectro do Autismo-TEA, caracterizado por déficits significativos: dificuldade na interação social recíproca e na comunicação, na linguagem (ecolalias, atrasos ou ausência), com padrões comportamentais restritos (foco restritivo de interesses) repetitivos/disruptivos, podendo apresentar comportamentos estereotipados.

Quadro 1: Diferentes graus de apresentação do Espectro Autista

DSM-IV	CID10	DSM-5
Transtornos Globais do Desenvolvimento	Transtornos Globais do Desenvolvimento – F84	Transtorno do Espectro Autista- TEA
Autismo Síndrome de Asperger	F84.0-Autismo Infantil	Grave Moderado
Transtorno Desintegrativo da Infância	F84.1-Autismo Atípico	Leve
Síndrome de RETT Transtorno Invasivo do Especificação TID-SOE	F84.2-Síndrome de Rett	
	F84.3-Transtorno Desintegrativo da Infância	
	F84.5-Síndrome de Asperger	

	F84.9-Transtornos Globais do Desenvolvimento não Especificado	
--	---	--

O quadro também apresenta a mudança significativa entre o DSM-IV e o DSM-5, destacando que a Síndrome de Rett é uma doença com causa genética, possui classificação e especificação próprias no que se refere à parte clínica, genética e comportamental, por isso não faz parte do Transtorno do Espectro Autista.

De acordo com o DSM-5, o TEA está classificado em níveis específicos de gravidade. A gravidade baseia-se em prejuízos na comunicação social e em padrões de comportamentos restritos e repetitivos.

A Síndrome de Asperger é uma forma de autismo. Atualmente, com as mudanças e atualização para o DSM-5, está incluída dentro do Transtorno do Espectro Autista, entretanto, as suas características diferenciam-se por apresentar as habilidades cognitivas do portador preservadas, com uma inteligência média ou acima da média. As pessoas com Síndrome de Asperger não apresentam atraso significativo na aquisição da linguagem. Seu discurso é peculiar, o repertório de palavras pode apresentar padrões, dando a impressão que a criança se comunica de maneira mais formal, sem utilizar gírias, ou figuras de linguagem, utilizando palavras consideradas mais elaboradas. Esse padrão da fala com palavras mais difíceis, com interesse específico e a falta de flexibilidade no comportamento são fatores que influenciam diretamente na interação social com os seus pares. Para as outras crianças, caso não tenham os mesmos interesses, podem representar alguém repetitivo, causando falha na comunicação e na interação social.

As pessoas que são Asperger gostam de se relacionar e desejam ter amigos, como qualquer outra pessoa. A diferença está na forma de se relacionar, seguida por padrões de comportamentos, repetições e foco de interesse. Mantêm diálogos sobre assuntos relacionados às suas preferências, geralmente conhecem bastante sobre determinado assunto, exigindo, por parte do outro, sensibilidade, paciência e compreensão.

2. ATUALMENTE, COMO PODEMOS CLASSIFICAR O TEA?

A intensidade do Transtorno do Espectro Autista é classificada em três níveis de gravidade, que correspondem exatamente ao apoio necessário diante das características apresentadas por cada um deles. O nível 1 – Leve (necessita de apoio); nível 2 – Moderado (necessita de apoio substancial) e nível 3 – Grave (necessita de apoio muito substancial), conforme se observa no quadro abaixo.

Quadro 2: Classificação da intensidade do TEA

<p>Nível 1 - Leve (necessita de apoio)</p>	<p>Na ausência do apoio, déficit na comunicação social, déficit para iniciar interação, pode apresentar interesse reduzido, falhas na conversação numa tentativa de fazer amizades. Pela inflexibilidade de comportamento, causa interferência no funcionamento de contextos, dificuldade de trocar de atividades, resolver problemas, planejamento, apresenta obstáculos para independência.</p>
<p>Nível 2 - Moderado (necessita de apoio substancial)</p>	<p>Déficits graves na habilidade de comunicação social verbal e não verbal. Limitação em dar início à interação social, resposta reduzida, frases simples; a interação se limita a interesses especiais, comunicação não verbal. Déficits em lidar com mudanças, comportamentos restritos, repetitivos, sofrimento e dificuldade em mudar o foco ou ações, inflexibilidade do comportamento.</p>
<p>Nível 3 - Grave (necessita de apoio muito substancial)</p>	<p>Déficits graves na habilidade de comunicação social, verbal ou não verbal, grande limitação para iniciar interação social, fala ininteligível, poucas palavras, raramente inicia interação e quando o faz, abordagens incomuns, apenas para satisfazer às necessidades, reage somente a abordagens muito diretas. Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com mudanças ou outros comportamentos restritos, repetitivos, interfere acentuadamente no funcionamento, grande sofrimento, dificuldade para mudar o foco ou as ações.</p>

3. CARACTERÍSTICAS DO TEA

As características apresentam-se de maneira variada e intensidades diferentes para cada pessoa, estando relacionadas ao atraso ou ausência de fala, dificuldade na interação social recíproca, ecolalia (repetição de frases, palavras ou diálogos), dificuldades com mudança de rotina, interesse restrito por determinado assunto ou objeto, podendo apresentar movimentos estereotipados e repetitivos, sensibilidade sensorial, entre outros.

Algumas características estão presentes nas pessoas com Transtorno do Espectro Autista

- Preferem diálogos, especificamente sobre assuntos do seu interesse restrito, por exemplo: personagens de filmes, super-heróis, carros, animais (dinossauro), times de futebol, países, desenhos japoneses, animes etc.
- Possuem dificuldade para entender metáforas, piadas, figuras de linguagem, gírias, etc.
- Gostam de ter amigos, mas não sabem como fazer, possuem dificuldade de se relacionar e manter amigos e, muitas vezes, por tentativas frustrantes, buscam o isolamento.
- Apresentam comportamentos repetitivos e estereotipados, principalmente quando algo incomoda, podendo apresentar desconforto devido à sensibilidade sensorial nas situações de hipossensibilidade ou hipersensibilidade sensorial.
- Podem repetir diálogos, apresentando Ecolalia recente ou tardia.
- Preferem previsibilidade, possuem apego às rotinas, evitam mudanças, sentem dificuldades frente a situações novas.
- Podem apresentar dificuldades de aprendizagem, principalmente, na construção da alfabetização, especialmente quando exige maior abstração, pensamento lógico-matemático e resolução de problemas.
- Apresentam dificuldades em compreender e interpretar expressões faciais, emoções e sentimentos.
- Podem apresentar comportamento inadequado, pois possuem dificuldade para expressar seus sentimentos e desconfortos.



Figura 1: Fonte: Cartunista Ziraldo Alves Pinto

Quadro 3: fonte, Estou autista

O que você vê	Não é	Pode ser
Desorganização Distração Esquecimento	Preguiça Falta de motivação Manipulação Falta de compromisso Tentativa de fugir do trabalho	Não compreensão das expectativas Reação ao novo/estresse Tentativa de autorregulação sensorial Aumento de ansiedade
Resistência a mudanças Preferência por rotina Ações repetitivas	Teimosia Desafiador opositor Desordem compulsiva Rigidez	Tentativa de manter previsibilidade e ordem Não sabe como atender expectativas Falta de perspectivas diferentes
Impulsividade Indisciplina Não segue instruções	Descumprimento Egoísmo Exibicionismo Chamar atenção	Dificuldade de entender conceitos Atraso no processamento

Não olha nos olhos Evita sons e luzes Cheira as coisas Gira objetos	Mau comportamento Comportamentos inapropriados	Desordem sensorial
--	--	--------------------

4. COMO FUNCIONA O CÉREBRO DO AUTISTA

Atualmente, entende-se que o cérebro não só é capaz de produzir novos neurônios, mas também de responder a estímulos do meio ambiente, como um aprendizado que tem a ver com modificações ligadas à experiência, ou seja, modificações que são a expressão da plasticidade.

Essa relação de experiência e estimulação constitui o principal pilar sobre o qual a reabilitação se insere, e dessa forma procura proporcionar excelentes exemplos de plasticidade cerebral, desde que as janelas de oportunidades sejam bem aproveitadas. (ROTTA, 2006). Por isso, a importância da estimulação precoce, aproveitando-se todas as oportunidades de aprendizado para desenvolver habilidades e competências a partir da plasticidade cerebral. [Clique aqui](#) para descobrir o que Dr. Caio Abujad, Médico Psiquiatra Infantil, Especializado em Autismo tem para falar sobre o assunto.

5. FUNÇÕES EXECUTIVAS E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Por Função Executiva podemos compreender o conjunto de condutas de pensamentos que permite a utilização de estratégias adequadas para o alcance de objetivos. É um conjunto de funções responsáveis por iniciar e desenvolver uma atividade com objetivo final determinado (FUSTER, 1997). Essa função se relaciona com a capacidade de antecipar, planificar, controlar impulsos, inibir respostas inadequadas, flexibilizar pensamento e ação. Todas essas capacidades são fundamentais e estão em uso sempre que se faz necessário agir diante de situações-problema, situações novas, na condução das relações sociais, intenção ou objetivo. (BELISÁRIO 2016). [Clique aqui](#) para entender sobre funções executivas no autismo.

6. DIREITOS DAS PESSOAS COM TEA

As Políticas Educacionais Inclusivas foram abordadas na disciplina de “Aspectos Legais da Inclusão”, porém cabe destacar a Lei 12.764/2012 – sancionada no dia 27 de dezembro de

2012. Essa lei tornou-se um marco histórico em relação aos direitos dos autistas, pois instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, atendendo aos princípios da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC 2008) e ao propósito da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU/2006). Também é conhecida como Lei Berenice Piana, em homenagem a uma mãe que, tendo filho com autismo, lutou anos pela causa.

Ela protege os direitos dos autistas em vários aspectos, entre eles, à educação e ao ensino profissionalizante, ao mercado de trabalho, à assistência e previdência social. Passa a reconhecer oficialmente o Transtorno do Espectro do Autismo como deficiência, garantindo aos portadores todos os direitos. Essa lei possibilita o acesso a serviços que antes eram negados e excludentes, a legitimidade de direitos de igualdade e a garantia dentro da perspectiva inclusiva, quebrando paradigmas e transformando efetivamente realidades, oferecendo prestação de serviços e qualidade de vida para as pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

A Lei reafirma o ideário inclusivo, avança ao destacar que a pessoa com Transtorno do Espectro Autista é considerada pessoa com deficiência para todos os efeitos legais e lhe garante o direito de estudar em Escolas Regulares, tanto na Educação Básica quanto no Ensino Profissionalizante e, quando necessário, com o apoio de um mediador especializado.

Em 6 de julho de 2015 foi sancionada a Lei nº. 13.146, que é a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, que assegura e promove, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

A criação de leis garantindo a igualdade entre os cidadãos, a busca de direitos por parte das famílias de portadores de TEA e o empenho de profissionais de diferentes áreas tornaram-se conquistas importantes para dar visibilidade e conscientizar sobre o Transtorno do Espectro Autista, não apenas no Brasil, mas em nível mundial. Essa necessidade de inclusão se amplia para todas as esferas sociais, perpassando a educação, a saúde, o mundo do trabalho e demais contextos, de tal modo que, hoje, a inclusão dos portadores de TEA no ensino regular se torna natural, acompanhando as exigências de transformação comportamental da sociedade. Assim, aos docentes e à comunidade escolar em geral, cabe buscar conhecer as necessidades desses alunos e criar situações pedagógicas que os atendam e incluam dentro das suas especificidades.

7. ASPECTOS EDUCACIONAIS

A experiência de conviver com uma pessoa portadora de Transtorno do Espectro Autista é um privilégio para qualquer profissional, é um convite para o professor questionar sua concepção sobre o desenvolvimento e rever o seu entendimento de normalidade; faz pensar nas competências e habilidades do seu aluno, diversificando as diferentes formas do aprender e apreender o conhecimento, desacomodando a sua postura docente diante da diversidade e heterogeneidade de uma turma.

No primeiro momento, o contato entre o professor e o aluno pode causar impacto e, possivelmente, sentimento de medo diante do novo, do desconhecido e imprevisível, principalmente, se for uma nova experiência docente. Entretanto, os profissionais que estão abertos a esse universo singular descobrem um mundo apaixonante, repleto de significados, de experiências sensoriais, que ensina a arte da sensibilidade humana.

O aluno com TEA necessita ser estimulado com o objetivo de desenvolver as suas habilidades e competências, a fim de favorecer o seu bem-estar emocional e o equilíbrio pessoal, tornando-o o mais harmonioso possível, tentando aproximá-lo de um mundo de relações humanas significativas.

A postura do professor será decisiva para estabelecer o vínculo, despertar a motivação e o interesse do aluno com Transtorno do Espectro Autista diante do seu desejo de querer aprender e, mais ainda, diante do esforço diário que ele realiza para superar os novos desafios e obstáculos. Ter a seu lado pessoas com a sensibilidade de se colocar no lugar do outro e favorecê-lo neste processo de ensino-aprendizagem norteará todo o caminho, mudando e transformando realidades, promovendo o crescimento, não só do ponto de vista pedagógico, mas também, pessoal e social.

Segundo Angel Rivière (1991), essa tarefa educativa é provavelmente a experiência mais comovedora e radical que pode ter o professor. É uma relação que põe à prova, mais do que qualquer outra, os recursos e habilidades do educador. Como ajudar os autistas a aproximarem-se de um mundo de significados e de relações humanas significativas?

É o professor, com a sua prática cotidiana, que buscará os caminhos mais adequados para cada aluno. A competência técnica caminha lado a lado com a disponibilidade interna e o compromisso profissional. São elementos essenciais para enfrentar os desafios. Destaca-se a importância de buscar informações e orientações para possibilitar ações adequadas e

assertivas, entretanto, as respostas a essas indagações não estão prontas, considerando a diversidade dos nossos alunos.

É indispensável que o planejamento pedagógico para o aluno com TEA esteja centrado em suas reais necessidades, considerando o nível de gravidade e o suporte adequado, conhecendo as dificuldades na interação social, nas formas de comunicação e linguagem e as importantes alterações do comportamento, que podem se apresentar diante do novo.

Para esses questionamentos é inevitável conhecer, observar e estar aberto para mudar a concepção referente ao ensino e aprendizagem, pois é um desafio que, simultaneamente, gera sentimentos de superação não só para o aluno, mas também para quem, direta ou indiretamente, está envolvido nesse objetivo de querer conhecer e aprender como trabalhar com pessoas portadoras do Transtorno. Além disso, é preciso ter claro que cada pessoa diagnosticada com o TEA tem um modo singular de ser e estar no mundo, como todos nós; não existe um padrão, ou receitas prontas, o que existe é a nossa motivação, respeito e querer aprender “o que parece estranho pra mim”; são os desafios diante do novo.

Destaca-se, sobretudo, que o professor deve observar e conhecer as preferências e as aversões do seu aluno para, assim, identificar quais recursos pedagógicos e canais de comunicação se apresentam mais receptivos a uma estimulação, considerando que eles aprendem, preferencialmente, através de estímulos visuais e, a partir do material concreto, por estímulos táteis, acompanhados por um discurso claro e objetivo. Uma avaliação cuidadosa e criteriosa possibilitará um planejamento pedagógico individualizado e mais adequado, com objetivos mais coerentes e respeitosos em relação à construção do processo de ensino-aprendizagem.

Cabe ressaltar a importância das ações do professor, que devem ser pautadas por uma rotina pré-estabelecida, com objetivos claros e passíveis de alcançar, oferecendo previsibilidade e segurança, tanto em relação às atividades desenvolvidas, quanto aos espaços em que o aluno permanece. É importante que o corpo docente possa pensar e planejar, desde a entrada até a sua saída, preparando as pessoas com que ele tem contato, sejam funcionários, professores, equipe de apoio, enfim, todos os envolvidos, direta ou indiretamente; é necessário oferecer um ambiente favorável, com pessoas disponíveis, e sobretudo, que saibam agir em situações de imprevisibilidade, pois sabemos que, no contexto escolar, o TEA está sujeito aos imprevistos e desafios da aprendizagem, por se tratar de um espaço de relações e interação social num formato dinâmico.

É importante lembrar que nem todas as pessoas com TEA têm os mesmos sintomas. Elas podem apresentar alguns, e com manifestações diferenciadas que variam da forma leve, moderada à grave, e as dificuldades que cada um apresenta também podem ser bem distintas.

Para alguns alunos, a rotina tem grande importância, as sequências dos acontecimentos precisam ser mantidas, porque qualquer alteração pode ocasionar desorganização psicomotora, inclusive com manifestações de autoagressividade e agressividade. Nesse sentido, é fundamental que os alunos sejam informados sempre que possível, com antecedência, das alterações na rotina, com a finalidade de minimizar os efeitos das manifestações desagradáveis e indesejáveis.

O desafio da escolarização das pessoas com TEA é auxiliá-las a ampliar as suas relações com o mundo. Somos responsáveis em melhorar a qualidade de suas interações sociais, acreditar na sua capacidade de aprender, valorizando as suas potencialidades, descobrindo o quanto é encantador e apaixonante conhecer a sua singularidade.

Na realidade, deve-se optar por não chamar de “desafio” e sim de “privilégio”, pois a aprendizagem ocorre com as diferenças, desconstrói os padrões de normalidade, segundo os nossos próprios conceitos e concepções de mundo. Precisamos ampliar o nosso olhar e pensar que a postura do professor está inerente à “ação e reflexão” diante do ensino-aprendizagem e essa reflexão está diretamente ligada à prática docente.

Em relação aos alunos com TEA, o planejamento pedagógico requer estratégias de ensino que permitam a modificação da prática, com ações afetivas, com manejo adequado e apropriado para cada situação.

8. APRENDIZAGEM

Conviver com alunos que apresentam TEA e ensiná-los é uma aprendizagem diária que convida o docente e privilegia a mudar a forma de ouvir e falar, de ver e sentir. A prática pedagógica acolhe a diversidade e, nesse sentido, requer a construção de estratégias que consideram a criatividade, a tolerância e a humildade para reconhecer o que é preciso mudar em nós, onde todos nós aprendemos. Sabemos que a aprendizagem não tem só uma via, não é de mão única, ela é dupla e coletiva. Segundo Cunha (2013), uma criança típica aprende por meio de brincadeiras, com os pais, os colegas e os professores na escola. “Para uma criança Autista, as coisas não são bem assim. Há uma relação diferente entre o cérebro e os sentidos, e as informações nem sempre se tornam conhecimento. ”

É importante conhecer e refletir sobre os dois tipos de motivação, para relacioná-los diretamente com a aprendizagem, pois o aluno com TEA tem interesses restritos e busca prazer e recompensas a partir deles. Entretanto, cabe ao professor buscar outras alternativas, externas, a partir do interesse específico de cada aluno com TEA, sempre o valorizando com elogios e validação, para despertar- lhe e direcionar a motivação intrínseca para a aprendizagem.

Quadro 4: Motivações

Motivação Extrínseca	<p>Refere-se à valorização que vem do meio externo. Pode ser um elogio, um reconhecimento.</p> <p>Busca procurar recompensas externas e evitar punições.</p>
Motivação Intrínseca	<p>Refere-se a uma valorização interna, está relacionada a uma satisfação pessoal em alcançar um objetivo pretendido.</p> <p>É o desejo de ser eficiente, desempenhar um comportamento por si mesmo, busca prazer, interesse individual e diversão.</p>

O estilo de aprendizagem diferencia-se de acordo com cada aluno, pois toda criança tem seu estilo de aprender: pode ter facilidade através do visual (preferência pelo uso de fotos, imagens e compreensão espacial); musical e auditivo (uso de sons, música, instrumentos musicais), verbal (preferência é usar e brincar com palavras tanto na fala como na escrita), física e tátil (movimentos do corpo e o sentido do tato), lógica/matemática (uso de lógica, raciocínios e sistemas), individual (preferência por estudar sozinho e o autoestudo).

Na nossa prática pedagógica precisamos considerar a realidade dos alunos, as suas características, os seus interesses, sendo esses o ponto de partida de todas as nossas ações. É importante que as pessoas com TEA estejam na escola, participando e interagindo integralmente. Provavelmente, precisarão de recursos para aprender os mesmos conteúdos que os demais alunos, sendo necessária a construção de materiais adaptados, concretos, visuais e personalizados, pois só assim será garantida uma verdadeira inclusão.

9. ADAPTAÇÃO DE RECURSOS

O planejamento da prática pedagógica para os alunos requer, primeiramente, conhecer o diagnóstico e buscar informações, pois esses dados são imprescindíveis para a compreensão de alguns comportamentos e sintomas que os TEA apresentam no decorrer de sua vida escolar.

Na prática, as situações que podem interferir e modificar a rotina dos alunos são as mudanças no horário das aulas, a troca de professores, a falta do professor, de forma inesperada, sem avisar anteriormente, a alteração no percurso do caminho na ida à escola, mudanças no ambiente, tudo isso poderá influir diretamente no seu comportamento em sala de aula, na realização do trabalho pedagógico e na aprendizagem.

As pessoas com TEA nem sempre conseguem se expressar verbalmente, por isso é necessário aprender a identificar alguma modificação no comportamento, as diferentes maneiras de expressar o que deseja, como forma comunicação; o professor também precisa estar atento e aberto para modificar seu planejamento e prática sempre que necessário, pois cada um traz consigo as suas vivências, sendo necessário observar as expressões e outras formas de comunicar-se e manifestar-se diante da construção de sua aprendizagem.

Se o aluno com Transtorno do Espectro Autista não verbaliza, outras estratégias devem ser traçadas para garantir que ele consiga se expressar, como por exemplo, a comunicação por troca de figuras. Os alunos que possuem menos dificuldade devem ser acompanhados, caso precisem de algum reforço, porém aqueles com mais dificuldades precisam de um ensino sistemático, com estruturação de suas atividades e de sua rotina e pautado em técnicas cientificamente comprovadas.

De acordo com Coll, as adaptações metodológicas e de conteúdos permitem que os principais conhecimentos sejam apresentados com níveis de profundidade distintos, numa situação em que os alunos cooperem uns com os outros e os professores de apoio trabalhem junto com o professor titular no atendimento a todos os alunos e proporcionando àqueles com problemas graves de aprendizagem novos sistemas de acesso ao currículo. Essas reflexões ressaltam a difícil articulação entre um ensino comum para todos os alunos e um ensino que leve em conta as possibilidades de aprendizagem de cada um deles. A articulação entre o comum e o especializado não depende principalmente das demandas educativas apresentadas pelo aluno, mas das decisões que os professores de uma escola adotam para abordar, dentro do mesmo grupo, as situações diversas de aprendizagem que seus alunos apresentam.

10. SUGESTÃO PARA ADAPTAÇÃO DE RECURSOS

É importante contemplar a funcionalidade do material adaptado e as condições individuais de cada aluno, verificando o estilo de aprendizagem; observar os aspectos motor, emocional, social, de comunicação e linguagem do aluno, cuidando para não realizar atividades que não o beneficiem; valorizar as habilidades, propondo atividades a partir do seu interesse, despertando a motivação, fortalecendo os vínculos afetivos e estimulando o convívio com os colegas.

ESTRATÉGIAS FACILITADORAS PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Os alunos com TEA possuem maior facilidade quando são apresentados conteúdos de forma visual, concreta e também oralmente, mas é necessário que os conteúdos tenham uma visão prática e funcional, sempre atrelado a algo que faça sentido, pois eles relacionam os conteúdos, textos e novas aquisições com a sua memória visual.

Os textos poderão ser adaptados por meio de charges ou histórias em quadrinhos, sempre num formato em que uma parte seja texto e a outra parte apresente imagens.

É fundamental utilizar linguagem direta e objetiva, não empregando figuras de linguagem, piadas ou metáforas, pois a compreensão sempre acontecerá de forma literal.

HABILIDADE SOCIAL E COMPORTAMENTAL

- Ensinar o que as outras pessoas aprendem naturalmente, criar as estratégias e ensinar a “Leitura Social do Ambiente”.

- Privilegiar os vínculos afetivos, incentivar o convívio com os colegas, ter amizade, ter colega de sua afinidade para auxiliar quando necessário.

- Prever formas de avaliação diferenciada, flexibilizar, possibilitar trabalhos em grupo, em dupla, pesquisas, considerando a participação em aula, de forma oral, ou como melhor facilitar a aprendizagem.

- Respeitar a necessidade de estar um momento sozinho, de caminhar para se acalmar, desde que não fique períodos longos fora da sala de aula (isso auxilia na descarga de estímulos externos do ambiente), supervisionar, oferecendo ajuda e apoio, quando necessário.

- Procurar ações assertivas como: a Rotina gera segurança, a forma de aproximação, vínculo, interação social, a partir de assuntos do seu interesse restrito é ótima maneira para início de diálogo.
- Destacar a importância da “antecipação”, pois a imprevisibilidade e a mudança na rotina geram ansiedade, agitação e desconforto.
- Atentar para a sensibilidade sensorial: muitos estímulos, como por exemplo, barulho, luminosidade, aromas, numa intensidade muito grande, podem gerar desconforto; nesse caso, ele busca autorregulação, lugar seguro e pessoa de referência.
- Adaptar o material, por exemplo, elaborar síntese da essência do conteúdo, em vez de textos longos, que ficam bastante confusos, diminuir o tamanho do texto, inserindo figuras, imagens, o uso da Tecnologia Assistiva, sempre facilitará e pode ser ótimo aliado para o processo de ensino-aprendizagem.
- Possibilitar apoio físico, visual ou verbal, auxiliando na aprendizagem
- Facilitar as atividades de pensamento lógico, utilizando material concreto e exemplo de experiências do seu cotidiano.
- Adaptar currículo, provas e avaliações, utilizando formas de avaliação acessíveis e adequadas às suas habilidades e competências.

11. CURRÍCULO COMUM OU CURRÍCULO ADAPTADO?

Os currículos mais equilibrados, nos quais o desenvolvimento social e o pessoal também têm importância e em que a avaliação seja feita em função do progresso de cada aluno, facilitam a inclusão dos alunos.

De acordo com COLL (2004),

[...]um currículo centrado fundamentalmente nos conteúdos conceituais e nos aspectos mais acadêmicos, que propõe sistemas de avaliação baseados na superação de um nível normativo igual para todos, lança ao fracasso os alunos com mais dificuldades para avançar nesses âmbitos.



Figura 2: Fonte, COLL, MARCHESI, PALACIOS & COLS (2004)

12. COMO SE ALCANÇA O EQUILÍBRIO?

Conforme os estudos realizados por Norwich, proporcionar tantas experiências iguais de aprendizagem quanto possível, ao mesmo tempo em que se levam em conta as necessidades individuais. Manter um equilíbrio, isso é difícil e requer compromisso e recursos.

Adaptar o modo de ensinar as mesmas experiências de aprendizagem, de tal maneira que possam avançar, e tenham experiências relevantes de aprendizagem. Oferecer aos estudantes o que possam compreender, o que os motiva e se ajusta às suas necessidades.

É preciso analisar de forma mais minuciosa os componentes do currículo e estabelecer que elementos devem ser comuns para todos os alunos e quais devem ser modificados para responder às demandas dos alunos com problemas de aprendizagem.

Existe um amplo leque de adaptações curriculares, desde as mais simples até o máximo de modificação, chegando até a alteração dos objetivos gerais da etapa educativa. Entre eles, existem diferentes possibilidades, conforme forem priorizados os elementos comuns ou os diferentes.

É preciso destacar a metodologia que se utiliza, o sistema de organizar o apoio aos alunos e os meios empregados para facilitar-lhes o acesso às adaptações curriculares.

13. COMO FAZER A INCLUSÃO DO ALUNO COM TEA

É importante destacar que a mediação torna possível a construção e reconstrução de conhecimentos, na medida em que os sentidos e os significados possibilitados são discutidos e planejados em experiências e contextos reais. Paulo Freire traz a importância de considerarmos aspectos relacionados à vivência e à realidade de cada um que aprende, por isso é necessário, no processo de ensino e aprendizagem, considerar a vivência e a experiência de vida de cada aluno, aquilo que tem importância e significado para ele. Compreender minimamente os fatores que interferem no desenvolvimento de sua aprendizagem, na sua maneira de ser, no seu jeito de viver são imprescindíveis para a prática pedagógica, pois não podemos desconsiderar os fatores sociais que também estão presentes no seu dia a dia.

De acordo com Orrú (2012), a partir dos pressupostos da abordagem histórico-cultural centrada em Vigotsky, podemos perceber a realidade educacional em que vivemos. Muitas vezes impedimos a pessoa com necessidades especiais de se desenvolver plenamente por causa das conclusões preconceituosas acerca da sua aprendizagem. No entanto, se ela tiver contato com o outro e orientação pedagógica adequada e organizada, seu desenvolvimento poderá ocorrer pelo acesso à cultura que é produzida historicamente.

Nos pressupostos de Vigotsky (2012) fica claro que a apropriação do conhecimento é construída de forma histórica e mediada em sua relação com o professor por meio da linguagem que é o cerne de tudo o que é social, que interage, que dialoga, que exerce cidadania.

A interação entre o professor e seu aluno é fundamental. No caso do aluno com autismo, nem sempre o professor vê atitudes que demonstram uma ação de reciprocidade vinda de seu aluno.

É primordial a identificação de quais são os interesses do aluno, para que possa considerá-los como ponto de partida. Assim, o professor organiza o seu contexto, o ambiente de aprendizagem, as modificações a serem trabalhadas por meio de conteúdos e materiais diversos, valorizando toda ação realizada por seu aluno, por meio da sua mediação.

Segundo Ana Beatriz, autora da obra Mundo Singular, “Quando jogamos uma pedrinha em um lago de água parada, ela gera várias pequenas ondas que formam camadas mais próximas

e mais distantes do ponto no qual a pedra caiu. O espectro autista, é assim, possui várias camadas, mais ou menos próximas do autismo clássico (grave), que poderia ser considerado o centro das ondas, o ponto onde a pedra atingiu a água. Esse espectro pode se manifestar nas pessoas de diversas formas, mas elas terão alguns traços similares, afinal todas as ondulações derivam do mesmo ponto”. Clique [aqui](#) para assistir ao vídeo e, em sessenta segundos, sentir na pele como um autista vê e escuta o mundo à sua volta.

14. NEUROCIÊNCIAS E EDUCAÇÃO: DIFERENTES OLHARES QUE SE COMPLEMENTAM

Aprender a CONHECER	Está relacionado ao conhecimento do que nos faz querer aprender, despertar o interesse, causar motivos para que o aluno tenha desejo de aprender, de conhecer o assunto, é a MOTIVAÇÃO . De acordo com Ivan Izquierdo “da mesma forma que sem fome não aprendo a comer e sem sede não aprendo a beber água, sem motivação não conseguimos aprender”.
Aprender a FAZER	Refere-se à nossa prática, às habilidades, quando o aluno, através das EXPERIÊNCIAS e da PRÁTICA , vai tornando a aprendizagem mais significativa, pois aprendemos à medida que experimentamos e fazemos novas associações. De acordo com Suzana Herculano Houzel “a aprendizagem é um processo e depende fundamentalmente de experiência, o nosso cérebro aprende por tentativa e erro, ele vai se esculpindo a si próprio conforme vai sendo usado”.
Aprender a CONVIVER	Ressalta o respeito ao próximo, o pluralismo de ideias, a cooperação, pois o nosso cérebro possui neurônios especializados em colocar-nos no lugar do outro; são os NEURÔNIOS-ESPELHO . Conforme Ramachandran “os neurônios-espelhos praticam uma simulação virtual da realidade, pois o nosso cérebro adota a perspectiva de outra pessoa e pode inclusive, aprender apenas por observação. Aprender a conviver proporciona a construção de laços afetivos, fortalece a EMPATIA , pois nos ensina a ter respeito pelo outro.
Aprender a SER	Menciona a compreensão de si mesmo, a introspecção, é uma das últimas áreas a ter MATURAÇÃO CEREBRAL , é a região frontal, local responsável pela nossa autorregulação, controle de nossa conduta. Investir no SER é um processo contínuo. Conforme Delors, envolve todos os demais pilares mencionados; da mesma forma, Gardner (apud Cosenza) enfatiza que os educadores têm por função ajudar o aluno a atingir o estágio de mestre, e desta forma, só nos tornamos mestres quando nos autorregulamos, ou seja, conseguimos traçar metas, e vamos em busca das mesmas, evidenciando iniciativa, criatividade, perseverança, tolerância e MATURIDADE .

15. A TEORIA DA MENTE

A Teoria da Mente é essencial para o ser humano, uma vez que permite a teorização do estado mental das outras pessoas, o que sentem, o que pensam, quais as suas intenções e como poderão agir. Isso permite modular nossas reações e nosso comportamento social, além

de desenvolver nossa empatia frente a sentimentos inferidos nas outras pessoas. Nas crianças com Autismo existe um prejuízo em relação aos mecanismos de atenção compartilhada e de Teoria da Mente, o que prejudica as relações sociais e a comunicação, dificultando a compreensão do que as pessoas pensam, sentem e o modo como se comportam. Assim, não conseguindo atribuir esses significados, a criança com Autismo não interage com o meio social da mesma forma que as demais crianças (BELISÁRIO 2016).

EM BUSCA DO EQUILÍBRIO BIO-PSICO-SOCIAL

CORPO: Sensibilidade sensorial (hipo ou hiper) numa intensidade bastante aguçada, desconforto, pode ser causado, por exemplo: a etiqueta da roupa, sonoridade, barulho, luminosidade, aromas. Prefere: autorregulação, busca caminhar, se balançar, lugar seguro, por exemplo: embaixo da mesa; pode apresentar indiferença aparente à dor/temperatura, agitação, dificuldades para dormir, estereotípias, alimentação seletiva, incentivo para cuidados pessoais de higiene.

MENTE: Processamento Sensorial, as informações, aprendizagem, frustração por não conseguir algo que deseja, padrões rígidos de pensamentos, adesão à rotina. Prefere elogios, valorização, previsibilidade, validação.

AMBIENTE: Procurar as Ações Assertivas como: a Rotina gera segurança, a forma de aproximação, vínculo, interação social a partir “interesses”. Lugares com muitas pessoas geram desconforto (show, evento, aniversário, restaurante...) uma estratégia seria chegar primeiro aos locais para ir se acostumando com os estímulos sensoriais e movimento de pessoas, que incomoda e interfere na mudança de comportamento. A imprevisibilidade e mudanças na rotina geram mais ansiedade, aumentam as estereotípias e agitação.

Quadro 5: Equilíbrio Biopsicosocial

Cognitivo	É assimilar conhecimento; envolve estratégias e processos de aprendizado, o processamento, a compreensão e a comunicação de informação, memória, pensamento criativo, resolução de problemas, tomada de decisão.
Intrapessoal	Tem a relação da capacidade de lidar com as emoções e moldar comportamentos para atingir objetivos.
Interpessoal	Envolve a capacidade de expressar ideias, interpretar e responder aos estímulos de outras pessoas.

MITOS E VERDADES SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

MITO	VERDADE
O Autista têm um mundo próprio	Os Autistas têm dificuldades de comunicação, mas mundo próprio não, eles são do mesmo mundo que o nosso, não estão à parte! A ação de se comunicar é difícil para eles, nós não entendemos, acaba a paciência e os conflitos vêm. Ensiná-los a se comunicar diminui as dificuldades.
Os Autistas são superinteligentes	Os Autistas, assim como todos nós, têm variações de inteligência, se comparados um ao outro. Cada pessoa tem o seu ritmo e formas de aprendizagem diferentes; precisamos respeitar a singularidade e evitar comparações, pois todos somos diferentes.
Os Autistas gostam de ficar sozinhos	Os Autistas gostam de estar com os outros, principalmente se sentirem-se bem com as pessoas, mas eles não sabem como fazer! Podem, às vezes, estranhar quando o barulho for excessivo, ou gritar em sinal de satisfação, euforia, e muitas vezes pensamos que eles não estão gostando. Devemos tentar interpretar seus gritos e as diferentes formas de comunicação. Precisamos ensinar e estimular o contato e a convivência com os demais colegas. Justamente por eles terem maior dificuldades, devemos ensiná-los.
Os Autistas não gostam de carinho	Todos nós gostamos de carinho, com os Autistas não é diferente. Acontece que alguns têm dificuldades com relação à sensação tátil, relacionadas às questões sensoriais, podem ser hiper ou hiposensoriais, e por isso sentirem-se desconfortáveis com o toque ou abraço apertado. Nestes casos deve-se ir aos poucos; querer um abraço eles querem, a questão é entender as sensações, avisar antes de abraçá-los, prepará-los primeiro, com o tempo eles vão se acostumando, e esta fase será dispensada. O carinho faz bem para eles como faz para todos nós.
Os Autistas não gostam das pessoas	Os Autistas gostam e amam as pessoas, só que nem sempre sabem demonstrar isto. As suas dificuldades de comunicação os impede de serem tão carinhosos ou expressivos. Mesmo quietos, eles gostam de estar junto, de participar, muitas vezes, inclusive são mais sensíveis do que outras pessoas.
Eles são assim por causa da mãe ou por que não são amados	O Autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento, pode acontecer em qualquer família, religião ou classe social. Quanto antes identificado e conhecido o diagnóstico, melhor para realizar o manejo adequado à criança. A antiga “teoria mãe geladeira” é completamente equivocada. Historicamente, no início do século passado foi descartado e comprovado, mediante estudos científicos, que a falta de carinho materno seria responsável pelo Autismo.
Os Autistas não entendem nada do que está acontecendo	Os Autistas compreendem tudo à sua volta, muitas pessoas medem o entendimento pela fala, mas se a pessoa não verbalizar, pode achar que não estão prestando atenção, não estar entendendo; de repente, eles se manifestam por outra forma de comunicação. Eles compreendem e possuem a capacidade de aprender, nós precisamos ensiná-los da

	maneira que fique melhor para eles.
Ele grita, se desorganiza, por ser mal-educado	O Autista tem dificuldades para se comunicar, tem medos, fica desconfortável diante do novo, prefere a segurança da rotina. Até mesmo um caminho novo pode influenciar seu comportamento, aumentar a ansiedade, leva-os a tentar uma desesperada comunicação, a reagir de diferentes maneiras, através de gritos, choro, agitação etc. Na verdade para haver mudança no comportamento, algo aconteceu anteriormente.

16. METODOLOGIA

Quando o professor realiza o planejamento pedagógico para aluno com Transtorno do Espectro Autista, é necessário cuidado minucioso, respeitando a singularidade, de acordo as suas especificidades, considerando como ocorre o processo de ensino-aprendizagem. O aluno realiza as atividades inerentes ao conteúdo apresentado, entretanto, a adaptação curricular e de recursos em relação à aplicabilidade será de acordo as reais necessidades do aluno, respeitando o nível 1 - Leve, Nível 2 – Moderado, ou Nível 3 – Grave, e correspondendo diretamente ao tipo de apoio necessário, seja através da mediação pedagógica, do apoio substancial ou apoio muito substancial, conforme o nível e a necessidade de auxílio pedagógico.

17. TECNOLOGIA ASSISTIVA PARA ALUNO COM TEA

A Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento e de atuação que desenvolve serviços, recursos e estratégias que auxiliam na resolução de dificuldades funcionais das pessoas com deficiência na realização de suas tarefas (BERSCH, 2010).

Os recursos selecionados pelo professor do AEE para solucionar as dificuldades funcionais dos alunos podem ser de alta ou baixa tecnologia. Recursos de baixa tecnologia são os que podem ser construídos pelo professor do AEE e disponibilizados ao aluno que os utiliza na sala comum ou nos locais onde ele tiver necessidade deles. Recursos de alta tecnologia são os adquiridos após a avaliação das necessidades do aluno, sob indicação do professor do AEE.

Para descrever a utilização de recursos pedagógicos de acessibilidade na escola, temos de estar atentos às características do aluno, à atividade proposta pelo professor e aos objetivos educacionais pretendidos na atividade em questão.

18. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA

É de fundamental importância o trabalho em conjunto entre a família e os profissionais e também haverá sempre necessidade que a família esteja presente em todos os momentos. A presença dela ajudará, e muito, na progressão, pois muitas vezes ela é o gancho que o profissional precisa para começar e poder terminar”. Fátima Alves - AUTISMO E INCLUSÃO – Psicopedagogia e Práticas Educativas na Escola e na Família – Eugênio Cunha.

No Blog: Eu sou Irmã do Mateus - “Aprendi a perdoar, a ceder e a lutar por um mundo melhor, para ele e para todos os autistas e seus familiares que eu já encontrei e encontro nessa caminhada. Mateus é um jovem que tem autismo severo não-verbal. Minha vida certamente não seria a mesma se não fosse essa convivência. Com ele, aprendi a amar, a servir, a me doar. Neste espaço, quero dividir tudo isso com vocês! Mas mais do que isso: quero que este seja um espaço nosso!”. Clique [aqui](#) para acessá-lo.

No Canal Diário de Um Autista podemos ouvir o relato do Marco Petry – Autismo e Aprendizagem. Clique [aqui](#) para acessá-lo.

19. INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO MUNDO DO TRABALHO

O processo social, histórico, econômico e cultural influenciou a maneira como as pessoas com deficiência são aceitas, incluídas ou excluídas, “enquadradas”. Diante deste contexto, em relação ao mundo do trabalho, o processo de inclusão tem sido um desafio tanto para as empresas como também para as pessoas com deficiência, não somente para suprir as necessidades básicas, mas também para que possam desenvolver-se individualmente e contribuir coletivamente.

No Brasil, a Constituição de 1988 estabelece a proibição de qualquer discriminação no tocante a salário e critérios de admissão do trabalhador com deficiência, determinando um percentual dos cargos e empregos públicos para pessoas com deficiência e definindo os critérios para sua admissão. (BRASIL, 1988). A partir da Constituição, temos a Lei Federal nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, que dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais. Essa lei institui que as pessoas com deficiência têm assegurado o direito de se inscreverem em concurso público para provimento de cargo, cujas atribuições sejam compatíveis com a deficiência de que são portadoras: para tais pessoas serão reservadas até 20% (vinte por cento) das vagas oferecidas no concurso. (BRASIL, 1990).

No Brasil, somente a partir dos anos 90 foi dada maior atenção a este tema, no sentido de assegurar direitos e igualdades de oportunidades. A regulamentação da Lei nº 7.853/89 garantiu reservas de vagas de trabalho para pessoas com deficiência, consolidando a afirmativa real na mudança de posturas e de atitudes em relação ao processo de inclusão no mundo do trabalho.

Foi nesse cenário que, em 1991, tivemos promulgada a Lei de Cotas, que reserva às pessoas com deficiência um percentual de vagas nas empresas com cem ou mais funcionários e que tem propiciado a entrada no mundo do trabalho formal a um contingente de cidadãos historicamente excluídos. As empresas com mais de 100 (cem) funcionários têm a obrigatoriedade de contratar pessoas com deficiência. Essas atitudes são ações afirmativas e compensatórias, legitimando a presença e a visibilidade dos que são, muitas vezes, invisíveis para a sociedade.

O processo de inclusão das pessoas com deficiência nas empresas, segundo o Instituto Ethos (2002), traz ainda uma série de benefícios. As empresas têm uma grande capacidade de influenciar transformações sociais, possibilitando o resgate da cidadania dessas pessoas, conseqüentemente, maior acessibilidade e autonomia. O espaço físico adequado também proporciona melhor qualidade de vida no trabalho para todos. Essas características sinalizam um ambiente de trabalho mais humano, uma melhoria no clima organizacional e na qualidade de vida no trabalho.

Segundo Goffman (1988), o indivíduo que não corresponde ao padrão vigente e aceitável no ambiente do qual deveria fazer parte é imediatamente diferenciado e rotulado. Dessa forma, ele é enquadrado em outro grupo, o dos estigmatizados.

Para o autor, o estigma ocorre justamente quando existe uma discrepância entre a identidade social virtual (o que esperamos do indivíduo) e a identidade social real (o que ele realmente é). O indivíduo estigmatizado passa a ser “desacreditado” e sua trajetória de vida passa a ser vista sob a ótica do elemento discrepante, considerado indesejável. A relação entre as pessoas com deficiência e seus colegas e chefes, muitas vezes, é revestida de tensões próprias do estranhamento em relação ao desacreditado.

A alteridade resulta de uma produção histórica da inversão desses “outros que não somos”, do diferente em aparência, do estranho a nós mesmos. Esse conceito social está mudando cada vez mais, tornando-os visíveis, marcando presença em todos os espaços da sociedade, reafirmando novas identidades e consolidando novas possibilidades do que é ser visto.

O fato de estarem trabalhando, de pertencerem a uma equipe de trabalho, de serem capazes de produzir com as outras pessoas, gera sentimentos de realização, de estar no mundo do trabalho.

O trabalho para as pessoas com deficiência contribui para a construção da identidade, o exercício da cidadania e o desenvolvimento socioemocional, traz recompensas significativas. No trabalho surgem novas perspectivas, um novo olhar, principalmente a possibilidade de eles serem inseridos na empresa, serem admitidos e trabalharem.

Nesse contexto, o trabalho possibilita uma relativa independência financeira, contribui para o sustento do autor e desperta a sensação de aceitação e de pertencimento de uma população que, ao longo da história, sempre esteve às margens das oportunidades.

Assim, a pessoa com deficiência sai da condição de digna de pena, “carente de ajuda assistencialista”, gerando despesas, para ser vista com outro olhar: ela produz, pode mostrar o seu serviço, gerando lucro, e transforma-se num sujeito participante ativo em relação ao mundo do trabalho.

O trabalho para as pessoas com deficiência possibilita a inserção social, o pertencimento e a sua redescoberta, ressignificando que não temem o tempo e a história, superando todo dia o estigma e o preconceito.

No mundo do trabalho redescobrem-se em suas buscas por pertencimento, renascem da sua própria força, reafirmando identidades e consolidando novas possibilidades do que é ser visto. Tornando-se visíveis, são sementes, ato, mente e voz, redescobrimo o gosto e o sabor de ser e estar no mundo, de ser visto.

20. TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E O MUNDO DO TRABALHO

QUALIDADES: pessoas com Autismo são detalhistas, possuem concentração no que estão realizando, têm facilidade para desenvolver atividades repetitivas, como tarefas de desenho, organização, checagem, estocagem e catalogação, etc.

FOCO: Embora tenham dificuldade em realizar atividades que não lhes interessam, fazem com muita eficiência e rapidez tarefas em suas áreas de interesse, destacando-se, principalmente, nas áreas do seu interesse restrito.

CUIDADOS: O melhor rendimento é obtido quando são organizadas rotinas bem estruturadas, sem muitas variações e com cargas horárias não muito extensas. A previsibilidade e a antecipação são sempre recomendadas, evitando imprevistos desagradáveis.

AMBIENTE: Evitar barulhos inesperados, e por longo período, por exemplo reformas; prefere lugar organizado, trabalhar em ambiente virtual, utilizar o recurso da tecnologia pode ser uma opção.

COMUNICAÇÃO: Por terem dificuldades na interação direta, combinar acordos de regras de forma clara e objetiva; outro meio de comunicação pode ser utilizado, como a escrita, registros, por isso a internet é uma ferramenta importante.

- Clique [aqui](#) para ler o artigo “Autistas chegam ao mercado de trabalho” da Revista ISTOÉ.

- Clique [aqui](#) para saber sobre o evento “Autismo e Mercado de Trabalho: encaixando peças”. Realizado na Sede do Ministério Público do Trabalho no Rio Grande do Sul (MPT-RS), em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem (Senac) e com a Superintendência Regional do Trabalho e Emprego no Rio Grande do Sul (SRTE-RS).

- Clique [aqui](#) para ler o artigo “Cresce o número de pessoas com Autismo no Mercado de Trabalho” da Revista Gente&Ciente ano 19, nº 227, agosto de 2017.

21. PARA CONCLUIR

Ensinar, na perspectiva da educação inclusiva, pressupõe uma aprendizagem constante para quem ensina. É importante ao educador estar sempre predisposto a reconhecer a necessidade de rever seus conceitos sobre a inclusão, pois cada prática pedagógica é diferente. Toda a comunidade escolar é responsável perante esta inclusão que, acima de tudo, é uma postura, uma visão de mundo, numa perspectiva de inserir quem, historicamente, ficou à margem da sociedade, e deve ser uma postura social e de ações coerentes com o nosso discurso.

Os discursos na perspectiva da sociedade inclusiva reafirmam o compromisso de todos em pensar e acolher as diferenças. A escola inclusiva se funda no respeito às diferenças, na revisão dos paradigmas instituídos para além da modernidade e que sustentam o desejo de uma pedagogia da diferença, proporcionando aos alunos a construção de suas histórias, com as suas possibilidades de estar no mundo de forma plena.

REFERÊNCIAS

- APARECIDA, Edilene; et al. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva**. Vol. 1. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.
- BELISÁRIO FILHO, J. F.; CUNHA, P. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. Vol. 9. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.
- BERSCH, R.; SCHIRMER, C. **Tecnologia Assistiva no processo educacional**. IN: BRASIL. Ministério da Educação. Ensaio pedagógicos – construindo escolas inclusivas: 1. ed. Brasília: MEC, SEESP, 2005.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1998. Brasília, 1998.
- COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento Psicológico e educação**. Vol. 3. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- COLL; MARCHESI; PALACIOS; COLS. **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- COSENZA, Ramon. **As neurociências e a Educação no século XXI**. Fórum de Educação 2012.
- CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão**: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009. 140p.
- CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola**: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – idéias e práticas pedagógicas. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013. 144p.
- DELORS, Jacques. **Educação, um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. Brasília, MEC, UNESCO e Cortez, 1998.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

LIMA, Cláudia Bandeira de. **Perturbações do Espectro do Autismo: Manual Prático de Intervenção**. 2. ed. Editora Lidel, 2012.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **A inclusão de pessoas com deficiência no mercado do trabalho**: Um estudo de caso. Disponível em: <http://trabalho.gov.br/portal-mte/>. Acesso em 02 jul. 2018.

MORAES, Maria Cândida. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis: Vozes, 2003.

NASCIMENTO, Maria Inês Corrêa; et al. **Referência Rápida aos critérios diagnósticos do DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

NERI, Marcelo Neri; et al. **Retratos da deficiência no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV|IBGE\CPS, 2003. 200p.

PASTORE, José. **A evolução do trabalho humano**. São Paulo: 2001.

PASTORE, José; ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012. 188p.

ROTTA, N. T.; et al. **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ROTTA, Newra T.; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. **Transtornos da Aprendizagem - Aspectos Neurobiológicos dos Transtornos do Espectro Autista**. 2. ed. Artmed, 2015.

SARTORETTO, Mara Lúcia; et al. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: recursos pedagógicos acessíveis e comunicação aumentativa e alternativa**. Vol. 6. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 6. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2005. p.65.

SCHWARZMAN, José Salomão; ARAÚJO, Ceres Alves de. **Transtorno do espectro do autismo – TEA**. São Paulo: Memnon, 2011.

SILUK, Ana Cláudia Pavão. **Formação de professores para o atendimento educacional especializado**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2011. 350p.

SILVA, Oto Marques da; SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Maiara Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo Singular: Entenda o Autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual do autismo**. 4. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2017.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual dos transtornos escolares**: entendendo os problemas de crianças e adolescentes na escola. 3. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.

ZILLMER, Patrícia Jovane. DUBOIS, Rejane Caspani. **A arte na inclusão de jovens com transtorno global de desenvolvimento**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

ZITKOSKI, Jaime Jose; REDIN, Euclides; STRECK, Danilo. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.